

Entre os dedos e as palmas este desenho se projeta no mundo

Lucas Alberto

No verso das mãos de Agrippina leio as linhas de um mapa, inventa-se uma geografia manual. O desenho inicial gravado na pele se reproduz e amplia, assume a escala de uma esquina, que dobra em um quarteirão por onde se projetam paredes que inventam o dentro e o fora. Depois se formam lajes e telhados, ruas e calçadas nos limites de um bairro espalhado pelo espaço por rodovias que contornam uma cidade avizinhada por estados de um país. No litoral de um mar se formam continentes, ilhas e oceanos a recobrir um mundo cuja gênese se faz dentro de sua casa. O mesmo mundo que Agrippina toca com as pontas dos dedos e sobre o qual caminha com seus pés.

Este mundo que cabe e escapa da palma das mãos, seu e não seu, pessoal e alheio, conhecido e anônimo. Voltamos às linhas de suas palmas para ir outra vez ao primeiro território desenhado na vida de cada um. Inventamos assim paralelos e meridianos entre a quiromancia, a cartografia e a caligrafia nos lembrando o que a artista deflagra em obra: a presença nos mapas da grafia de um desejo e de uma letra. Trata-se assim de evitá-los enquanto representações neutras dos espaços, vendo em suas superfícies o resultado de um olhar que deseja desenhar sobre o espaço uma forma de mundo.

Inventar opera aqui como uma palavra lâmina entre imaginário e real, é o termo indecível, brecha na fronteira que torna este dois pólos convergentes, zona provisória de trabalho da ficção na vida. Tal gesto que se pratica e se prolonga na série de obras reunidas toma a representação como problema a ser exercitado, corrigido ou incendiado. De forma sutil e evidente a artista revira a suposta neutralidade das cartografias para nas entranhas do espaço apontar a estrutura de fantasia que lhes sustentam. Assumimos posições em um tabuleiro recortado por um imaginário feito em meridianos que não apenas nos localizam, mas moldam nosso mundo e vida. Fazer solucionar a cartografia, engolir a rosa dos ventos, puxar alguns fios ou inverter o globo não são apenas operações simbólicas, mas gestos efetivos de invenção territorial.

Pensemos, por exemplo, na continuidade existente entre os gestos que reimaginam mapas em suas obras e a operação concreta exercida pela artista em sua casa em São Gonçalo; o espaço que abrigou sua infância e ateliê, sempre que revisitado pela artista, é estruturalmente modificado, nele abre-se uma parede, pinta-se uma superfície, mudam-se os cômodos, removem-se portas - como em *Velhas Línguas Novas Mentiras* (2025), inventam-se passagens que recodificam trajetos e alteram o espaço.

Persiste neste ato certa força que não se apazigua em margens, mas consome os perímetros de forma a desafiar a própria possibilidade de encerramento de uma imagem precisa que define uma identidade ou delimita um espaço. O ato incendiário das bandeiras em *Novas Fronteiras* (2021), *Imagem e Semelhança* (2022) e *América* (2022) extrapola o gesto iconoclasta de profanação de um símbolo pátrio; o que se dá a ver através da chama é a própria representação em sua dimensão de problema. O fogo como cartógrafo expõe o que há de cinzas no mapa estável, apresentando o espaço outra vez em sua face viva e quente.

“Aqui e Ali” nos ensina ou talvez nos proponha a recontar os espaços, não aqueles desconhecidos, mas os que aguardam por ser inventados.